

Dag Hammarskjöld: um compromisso com o diálogo

Enquanto dedicamos nossos esforços para visualizar a direção que as Nações Unidas devem tomar no século XXI, creio que há muito a aprender com a vida e o exemplo de Dag Hammarskjöld, segundo secretário-geral da organização. Suas realizações brilham nos anais da história da ONU e sua força moral e integridade como a "consciência das Nações Unidas" clamam ainda hoje por respeito.

Dag Hammarskjöld foi um estadista e economista nascido na Suécia há quase um século. Em meio às crescentes tensões da Guerra Fria, Hammarskjöld tomou a iniciativa de expandir as responsabilidades da ONU para além de um papel passivo, de apenas reagir às crises, em direção a uma atuação mais proativa na promoção da paz no mundo.

Seus talentos eram particularmente visíveis nos esforços para resolver a crise de Suez, bem como os conflitos no Líbano, Laos e em todos os lugares. Seu propósito ativo de "diplomacia silenciosa" - a maneira como ele conduziu suas missões em diferentes regiões com a intenção de mediar conflitos - permanece como legado eterno.

Havia algumas vozes críticas que vêm da ONU e do Secretariado Geral à sua diplomacia proativa. As ações de Hammarskjöld foram denunciadas, por exemplo, pelo premiê soviético Nikita Khrushchev, que exigiu sua renúncia. Hammarskjöld se recusou a sucumbir a essa pressão e continuou a promover a liderança da ONU para a resolução das crises internacionais.

Ele expressou sua determinação inabalável no livro *Markings*, publicado após a sua morte: "Aqueles objetivos para os quais se dá a vida, se empenha ao máximo, todos os momentos, são possíveis para você. Portanto, aja sem pensar nas consequências ou sem buscar algo para si."

Guiado por um senso moral, e mesmo por um senso religioso e de missão, ele continuou a se empenhar até o último momento de sua vida para capacitar a ONU a responder às expectativas do mundo.

Em setembro de 1961, a caminho de se encontrar com o presidente Moise Tshombe, da província de Katanga, num esforço para resolver a crise do Congo, o avião de Hammarskjöld caiu no norte da Rodésia (atual Zâmbia), causando sua morte. Ele estava com 56 anos. Por suas notáveis realizações, Hammarskjöld foi postumamente agraciado com o Prêmio Nobel da Paz de 1961.

Nessa época, ele estava engajado não somente em tentar resolver o conflito no Congo, mas também em outra importante tarefa. Hammarskjöld tinha profundo respeito pelo "filósofo do diálogo", Martin Buber (1878-1965) e planejava traduzir sua obra clássica *Eu e Tu* para o sueco.

A amizade entre ambos teve início em 1952, um ano antes de Hammarskjöld se tornar secretário-geral. Quando o intercâmbio entre eles e o respeito mútuo se aprofundaram, surgiu em Hammarskjöld um forte desejo por traduzir a obra de Buber. Quando partilhou esse desejo com o filósofo, este lhe sugeriu que começasse por *Eu e Tu*. Tal aproximação ocorreu poucos meses antes da missão fatal de Hammarskjöld no Congo.

Seguindo a sugestão de Buber, Hammarskjöld imediatamente contactou um editor na Suécia e escreveu para o filósofo dizendo-lhe que havia conseguido quem publicasse a tradução. Quando partiu de Nova York para o Congo, levou consigo a edição em alemão de *Eu e Tu*, dada a ele pelo autor pessoalmente. Hammarskjöld encontrou tempo em meio à sua atarefada agenda, no vôo e durante sua curta estada em Leopoldville (atual Kinshasa) para trabalhar na tradução do livro de Buber. Mais tarde, após o avião ter caído, as primeiras doze páginas dessa tradução manuscrita foram encontradas entre seus pertences.

Buber recebeu a última carta de Hammarskjöld apenas uma hora depois de tomar conhecimento pelo rádio da queda do avião. Ele lamentou profundamente a perda de um homem de paixão e boa vontade que havia dado tudo, inclusive a vida, por sua missão.

De coração a coração

Hammarskjöld partilhava profunda convicção com Buber, que desejava ardentemente expressar por meio da tradução da obra dele. Uma profunda crença de que, não importando o quão difícil e desafiador possa ser uma situação, os seres humanos devem se engajar em um sincero diálogo com os outros e que, assim, é sempre possível cobrir os espaços de desconfiança que dividem o mundo.

Um episódio muito conhecido ilustra como Hammarskjöld pôs sua convicção em prática.

Em 1955, numa tentativa de assegurar a libertação de prisioneiros americanos capturados durante a Guerra da Coreia, Hammarskjöld voou para a China - então, um país sem assento na ONU - para se encontrar com o premiê Chu Enlai.

As pessoas próximas a ele o aconselharam enfaticamente contra essa visita. Face a face com Chu, sem uma comitiva oficial e incapaz de usar seu próprio intérprete, Hammarskjöld declarou o seguinte durante uma de suas sessões privadas:

"Isso não significa que eu estou apelando ao senhor ou lhe pedindo pela libertação dos prisioneiros. Significa que - inspirado também por minha fé em sua sabedoria e em seu desejo de promover a paz - eu considero como meu dever, tão obrigatoriamente quanto possível, e com profunda convicção, chamar a atenção para a importância vital do destino desses prisioneiros para a causa da paz... O destino deles pode decidir a direção pela qual nós nos moveremos num futuro próximo - rumo à paz ou para longe dela... Indo contra todas as chances, esse episódio me levou a viajar pelo mundo e me colocar diante do senhor, com grande franqueza e confiança, para que vejamos, olho no olho, a necessidade desesperada de evitar o aumento das tensões, minha profunda preocupação como secretário-geral e como homem."

Lembro-me de meu encontro com o premiê Chu Enlai em setembro de 1974, um ano antes de sua morte. Tempos antes, em setembro de 1968, numa época em que não havia relações diplomáticas oficiais entre a China e o Japão e nenhuma paz formal havia sido concluída entre esses dois países, clamei pela normalização das relações e para que a China tivesse uma representação nas Nações Unidas. Chu Enlai estava consciente de meus esforços e, apesar de sua saúde precária, insistiu em se encontrar comigo em um hospital em Pequim. Com uma paixão intensa, o premiê Chu partilhou seus pensamentos: "Neste período crítico da história do mundo, todas as nações devem se posicionar como iguais e auxiliar umas às outras." Ele expressou seu forte desejo de perpetuar a amizade entre China e Japão.

Baseado nessa experiência, posso imaginar facilmente o tipo de diálogo concentrado, o sincero intercâmbio de pessoa a pessoa, que se revelou entre Chu e Hammarskjöld. O encontro criou um laço de amizade entre os dois homens que posteriormente levou à libertação de onze prisioneiros americanos.

Seja nas relações intergovernamentais ou nas relações entre os estados-membros das Nações Unidas, o elemento essencial é sempre o encontro e o diálogo entre os seres humanos individuais.

Não importa o quanto um obstáculo pareça insuperável, sempre é possível descobrir um caminho se nos encontrarmos face a face e nos engajarmos em um diálogo genuíno. Creio que essa era a convicção motivadora Hammarskjöld em suas longas viagens como secretário-geral mediando os conflitos.

Os incansáveis e apaixonados esforços de Hammarskjöld para avançar o processo de paz mundial incorporam os princípios que devem guiar as Nações Unidas, para cumprir sua missão de construir uma nova civilização humana, imbuída do espírito do diálogo. Seu legado tem de ser transmitido às pessoas do século XXI.